



A teoria linguística de Eugenio Coseriu e a noção de universo de discurso¹

Eugenio Coseriu's linguistic theory and the idea of universe of discourse

José Rubens PEREIRA*

RESUMO: A proposta de estudos da linguagem desenvolvida por Eugenio Coseriu representou um marco significativo para a Linguística do século XX. A base de sua teoria reside na premissa de que a linguagem é um saber múltiplo, subdividido em três níveis: universal, histórico e individual (Coseriu, 1955). Coseriu (2003) teoriza que as práticas linguísticas desempenhadas pelo sujeito falante são determinadas, entre outros entornos, pelos universos de discurso – categorizados em experiência comum, ciência, fantasia e fé –, que atuam como conjuntos de sistemas de significações que atestam o valor de verdade dos enunciados. Neste trabalho, discute-se a noção de universo de discurso, inserida no nível individual da linguagem. Para tanto, elaborou-se uma reflexão marcada por dois momentos: i) buscou-se adentrar nos textos do autor para compreender e sistematizar sua concepção de universo de discurso; ii) foi realizado um levantamento das pesquisas de estudiosos que, antes de Coseriu, já haviam definido essa noção, a fim de entender o fundamento epistemológico de seu pensamento. A Linguística coseriana tem recebido pouca atenção no meio acadêmico. Kabatek (2018) explica que as razões para tal ostracismo variam desde o uso predominante do idioma espanhol na redação de seus textos até a complexidade inerente ao pensamento coseriano. Nessa perspectiva, busca-se recuperar os princípios linguísticos postulados por Coseriu, com ênfase particular nos universos de discurso. Através de uma discussão teórica, espera-se suscitar debates metodológico-analíticos que possibilitem a aplicação dessa noção em pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística de Coseriu. Níveis da linguagem. Entornos. Universo de discurso.

ABSTRACT: The language study approach developed by Eugenio Coseriu marked a significant milestone for 20th-century Linguistics. The foundation of his theory rests on the premise that language is a multifaceted knowledge, divided into three levels: universal, historical, and individual (Coseriu, 1955). Coseriu (2003) theorizes that the linguistic practices carried out by the speaking individual are determined, among other surrounding fields, by universes of discourse—categorized into common experience, science, fantasy, and faith—

¹ Este artigo é fruto da dissertação escrita pelo autor, desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que recebeu o título de “Universos de discurso e conceitos de amor na exortação apostólica *Amoris Laetitia*”.

* Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). rubens.pr30@gmail.com

which function as sets of signification systems that attest to the truth value of statements. This paper discusses the notion of the universe of discourse, situated at the individual level of language. For this purpose, a reflection marked by two phases was developed: i) an exploration of the author's texts was conducted to comprehend and systematize his conception of the universe of discourse; ii) a review of the research conducted by theorists who had defined this notion prior to Coseriu, in order to explore the epistemological foundations of his ideas. Coserian Linguistics has received insufficient attention in the academic sphere. Kabatek (2018) explains that the reasons for this ostracism range from the predominant use of Spanish in writing his texts to the inherent complexity of Coseriu's thought. From this perspective, this article aims to recover the linguistic principles postulated by Coseriu, with particular emphasis on the universes of discourse. Through a theoretical discussion, it is hoped that this work will stimulate methodological-analytical debates that will enable the application of this notion in future research.

KEYWORDS: Coseriu's Linguistics. Levels of Language. Surrounding fields. Universe of discourse.

Artigo recebido em: 16.08.2024

Artigo aprovado em: 23.10.2024

1 Considerações iniciais

A teoria desenvolvida por Eugenio Coseriu estabeleceu um marco significativo para a Linguística do século XX. Ao longo de sua prolífica carreira, Coseriu, autor de inúmeros livros e artigos, dedicou-se intensamente ao desenvolvimento de uma Linguística integral singular, proporcionando contribuições substanciais para o progresso dos estudos sobre a linguagem. Não obstante, Coseriu ainda permanece como teórico negligenciado no âmbito acadêmico, e falar sobre sua relevância pode causar um certo estranhamento, principalmente nos círculos fora do âmbito das línguas românicas (Marra, 2023). As causas desse ostracismo são variadas, Kabatek (2018) explica que, entre outros fatores, isso ocorre em razão de Coseriu escrever a maioria de seus textos em espanhol – circunstância que Coseriu descreve com a expressão "*hispanica non leguntur*" (os hispânicos não são lidos) (Kabatek, 2018, p. 52) – e por causa da complexidade inerente ao seu pensamento sobre a linguagem.

A teoria coseriana se configura como uma proposição ampla e abrangente, englobando quase todas as subáreas da Linguística, tais como a filosofia da linguagem, teoria gramatical, semântica, linguística de texto, dialetologia, estilística, tradução,

política linguística, história da linguística, entre outras (Pinheiro; Silva, 2021, p. 48). A base de sua Linguística reside na premissa de que o conhecimento humano sobre a linguagem está alicerçado em um saber complexo e múltiplo (Pinheiro; Oliveira, 2021), o qual se subdivide em três níveis distintos: o universal, o histórico e o individual (Coseriu, 1955).

Em contraste com a teoria do Curso de Linguística Geral (CLG) atribuída a Saussure, Coseriu advogava a necessidade de criar uma Linguística debruçada sobre os problemas da *parole* (fala), em vez de se concentrar apenas na *langue* (língua), pois sustentava que o foco de investigação linguística estava invertido, já que, “A própria ‘língua’ [*langue*], que outra coisa não é senão um aspecto do falar?” (Coseriu, 1979, p. 211, acréscimo nosso). A distinção dicotômica observada no CLG organizado pelos pupilos de Saussure era apenas uma questão formal e metodológica do trato com a complexidade e multifacetada linguagem humana (Coseriu, 1955).

Nesse sentido, ao invés do conceito *parole*, usado para conceber o objeto que se ocupa a Linguística, tendo em vista o teor de ambiguidade que sustenta, Coseriu (1955) defende a troca por *hablar* (falar). Em suas palavras, o falar “[...] es una actividad universal que se realiza por individuos particulares, en cuanto miembros de comunidades históricas. Por tanto, puede considerarse en sentido universal, en sentido particular y en sentido histórico” (Coseriu, 1955, p. 31). Isso implica dizer que o falar é uma atividade intrinsecamente universal, compartilhada naturalmente por todos os humanos, e única em virtude de sua condição cultural (Lamas, 2010) (nível universal); é histórica, pois quem fala faz uso de um sistema linguístico convencionado historicamente pela comunidade na qual está inserido (nível histórico); e particular, porque quem fala é sempre um indivíduo, situado contextualmente em sua comunidade linguística (nível individual).

Segundo Coseriu (2003), o falante emprega conceitos para organizar e compreender o mundo ao seu redor. Essa ordenação ocorre por meio do acúmulo de conhecimento derivado de experiências e de atos individuais de linguagem (Coseriu,

2003). Subjacentes a essas práticas linguísticas, entre outros entornos, encontram-se os universos de discurso (UDs), que são determinantes na verificação dos valores de verdade propagados pelos enunciados. Os UD, nas palavras do autor, "[...] son universos de conocimiento que corresponden a los modos fundamentales del conocer humano" (Coseriu, 2003, p. 15).

Tendo em vista os poucos desdobramentos realizados pelos estudiosos da linguagem com foco teórico na Linguística postulada por Coseriu, principalmente em relação à noção de universo de discurso (UD), isso reforça a pertinência de artigos como este. Por isso, intenta-se contribuir com a propagação da Linguística geral de Coseriu, sistematizar e aprofundar teoricamente a noção de UD e, porventura, abrir caminhos para aplicação teórico-metodológica em textos concretos, posto que, em português, não há trabalhos que discutem essa noção em Coseriu.

Diante desse quadro, o plano de texto deste artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, explora-se a concepção coseriana de linguagem, com ênfase na definição e na caracterização de seus três níveis – universal, histórico e individual –; em seguida, adentra-se nos textos de Coseriu com o intuito de compreender e sistematizar sua concepção de UD. Por fim, a exemplo de Castro (2006a, 2006b) e Galván e Valldecabres (2019), foi feito um levantamento e uma breve explanação sobre as pesquisas de estudiosos que, anterior a Coseriu, já haviam tratado de definir a noção de UD, a fim de entender o fundamento epistemológico de seu pensamento.

2 A linguística coseriana

De acordo com Coseriu, a linguagem deve ser entendida fundamentalmente enquanto atividade (*enérgeia*)² e não como produto, posto que, em alguma medida, todo falar é um ato criador (Coseriu, 1991). Ter a linguagem como *enérgeia* significa entender que a substância de sua composição é uma atividade criadora plena, pois

² Essa concepção coseriana é derivada dos postulados de Humboldt, presentes no texto *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*, publicado em 1836.

energía “[...] es tanto el lenguaje en general como el lenguaje en cuanto habla” (Coseriu, 1991, p. 21). Conquanto, como *enérgεια*, a linguagem é, em um só ato, criação e expressão simultânea do conteúdo da consciência, que, pelo uso de uma determinada comunidade de fala, transforma-se em língua.

Coseriu (1955) defende que o objeto real sobre o qual a Linguística enquanto ciência deve se preocupar só pode ser a linguagem, que acontece concretamente como atividade, isto é, como falar (Coseriu, 1955). O falar em geral “[...] es una actividad *universal* que se realiza por indivíduos *particulares*, en cuanto miembros de comunidades *históricas*. Por tanto, puede considerarse en sentido universal, en sentido particular y en sentido histórico” (Coseriu, 1955, p. 31). Isso significa dizer que o falar é uma atividade natural e universalmente compartilhada por todos os humanos, mas única devido à sua condição cultural (Lamas, 2010); é particular, porque quem fala é sempre um indivíduo, situado contextualmente em sua comunidade linguística; e histórica, porquanto quem fala faz uso de um sistema linguístico convencionado historicamente pela comunidade na qual está inserido.

Nessa perspectiva, na teoria coseriana, a linguagem é entendida a partir de seis dimensões ou relações que a estruturam: três delas fazem referência aos níveis do falar (universal, histórico e individual), e as demais atreladas à ideia de pontos de vista sobre a linguagem (atividade, saber e produto). Todos os níveis que integram a linguagem se interrelacionam individualmente com cada ponto de vista, resultando em nove seções linguísticas, como organizado no quadro desenhado por Coseriu (1980):

Quadro 1 – A relação entre níveis e pontos de vista da linguagem.

NÍVEIS DA LINGUAGEM	PONTOS DE VISTA		
	ἐνέργεια Atividade	δυναμς Saber	ἔργον Produto
Nível UNIVERSAL	Falar em geral	Saber elocucional	Totalidade do “falado”
Nível HISTÓRICO	Língua concreta	Saber idiomático	(Língua abstrata)
Nível INDIVIDUAL	Discurso	Saber expressivo	“texto”

Fonte: redesenhado a partir de Coseriu (1980, p. 93).

Caso alguém se pergunte o que é a linguagem, uma opção correta, fundamentada na teoria coseriana, seria suscitar um segundo questionamento: sobre qual perspectiva está se referindo e em relação a qual nível do falar? Em Coseriu (1980), a Linguagem como falar é uma competência inata à psique humana, que compreende três níveis autônomos (muito embora se mostrem presentes e imbricados sempre quando alguém fala), concebidos a partir de três perspectivas, a depender da natureza de seu interesse: linguagem como atividade, linguagem como saber ou linguagem como produto.

À vista disso, Coseriu afirma que:

“[...] [quem define a linguagem como] a atividade que usa (ou que produz ou cria) signos”, fá-lo considerando-a como atividade, como falar. Quem, por outro lado, define a linguagem como “faculdade de falar (ou exprimir-se)”, já a considera como saber ou “potencialidade”. E uma definição como aquela que, em certo contexto, dá Ludwig Wittgenstein – “a linguagem é a totalidade das orações” – refere-se, evidentemente, a ela como “produto” (Coseriu, 1980, p. 93-94, acréscimos nossos).

Cada nível da linguagem (universal, histórico e individual) possui pontos de vista particulares acerca da atividade, do saber e do produto que carregam consigo. Coseriu (1980) explica que, no nível universal, a linguagem é representada como falar em geral, e não está ligada, necessariamente, a uma convenção histórica determinada por uma comunidade falante; do ponto de vista técnico (saber), é a habilidade de expressão em geral, conhecida como saber elocucional; quando considerada como produto, é tudo o que foi falado, ou até mesmo o que poderia ser dito, desde que seja concebido como algo concluído.

No nível individual, a linguagem se manifesta como discurso, ou seja, como ação linguística ou conjunto de ações empreendidas por um indivíduo em uma determinada situação; como saber é a capacidade que permite ao sujeito elaborar seus discursos ou realizar atos linguísticos; e como produto assume a forma de um texto, seja falado ou escrito (Coseriu, 1980).

No nível histórico, a linguagem concebida como atividade é o próprio sistema linguístico específico de uma coletividade falante, a exemplo da língua portuguesa ou da língua italiana, que se desenvolve historicamente; como saber é o conhecimento linguístico tradicional inerente a uma sociedade (saber idiomático); como produto, entretanto, não se apresenta de forma concreta, pois pode ser uma expressão única ou, se adotada e historicamente estabelecida, integra o conhecimento tradicional de uma comunidade. Assim, a linguagem no nível histórico nunca será precisamente um produto, mas sim uma abstração, derivada do discurso e materializada pelo linguista, por exemplo, em gramáticas e em dicionários idiomáticos (Coseriu, 1980).

Os níveis universal, histórico e individual, como dito anteriormente, são três planos simultâneos do falar, muito embora dotados de certa autonomia, “[...] pois nenhum é explicado totalmente a partir dos demais: respondem a normas de funcionamento diferentes e dão lugar a diversos conteúdos” (Lamas, 2010, p. 156). Nas palavras de Coseriu, o nível universal corresponde a

[...] certas possibilidades universais da linguagem (p. ex., a entonação), mas também, certas possibilidades expressivas não “linguísticas” (mímica, gestos), bem como de certos princípios de pensar válidos para a humanidade em geral e a permanente referência a fatos não linguísticos: contextos objetivos, situações, conhecimento geral do “mundo” (Coseriu, 1980, p. 95).

Nesse plano da linguagem, concentra-se o saber como conhecimento universal compartilhado por todas as línguas. Na linguagem humana, observada através de textos concretos, subjazem certas regularidades que, independentemente do sistema linguístico que condiciona a sua expressão contextual, estão presentes como saberes naturais nos demais sistemas de significados. A título de exemplificação, Coseriu escreve:

Todos dizemos, por exemplo, *Sáimos de casa* (e expressões equivalentes em outras línguas), pressupondo que se pode sair, que a porta está trancada, que continua havendo um “fora”. [...]. Todos dizemos o *sol*

brilha no céu, nem que tenhamos necessidade de aclarar a que *sol* e a que *céu* fazemos alusão, porque em nosso contexto “natural” conhecemos um único sol e um único céu (Coseriu, 1980, p. 95).

Como o próprio nome “universal” prevê, aquilo que é natural à linguagem, independentemente de uma língua, constitui o nível universal. No que diz respeito à sua funcionalidade, esse nível tem a designação como manifestação do conteúdo linguístico que produz. A designação corresponde a correlação entre expressão e coisa ou estado de coisa. Quando alguém usa a expressão “cadeira”, por exemplo, além do significado que exprime em relação ao ente representado na língua, também existem outros conteúdos subjacentes conhecidos por todos, embora não seja necessário explicitá-los, tais como: objeto de mobília com quatro pernas, produzido artificialmente a partir de diferentes tipos de matéria, que se apõe à “árvore”, uma planta natural que possui galhos, folhas, diferentes tamanhos, flores e possíveis frutos. Essa relação entre expressão e coisa é um princípio básico inerente à linguagem, e, por isso mesmo, se insere no nível universal da linguagem.

Coseriu (1980) admite que a designação pode corresponder tanto a um significado de língua (o signo propriamente dito e o que ele denota dentro do sistema linguístico) quanto a um sentido metafórico. Por exemplo, em um contexto religioso e de fé, os fatos significados³ “pastor” e “ovelha” denotam um outro tipo de sentido, ademais daquele evocado pelo significado propriamente dito: para uma comunidade religiosa cristã, dentre outros possíveis sentidos, “pastor” é atribuído à função exercida por Jesus concernente à orientação dos pecadores, entendidos como as suas “ovelhas”.

A despeito de essa explicação restringir-se contextualmente a uma determinada realidade em que estão envolvidas pessoas de fé em uma mesma divindade (Jesus, nesse exemplo), “[...] a possibilidade de utilização de tais fatos no falar é uma possibilidade ‘universal’” (Coseriu, 1980, p. 95). Isto é, a possibilidade linguística de o

³ Conforme Coseriu (1979, p. 215), entendo que os fatos significados são a própria materialidade textual, utilizada pelo falante “[...] **para dizer algo acerca de algo com os signos da língua** [...]”.

falante retratar metaforicamente um ente exterior com uma expressão interior que não significa aquilo que de fato existe no mundo como seu significado originalmente convencionado é um princípio do nível universal.

Se o nível universal diz respeito aos princípios gerais do falar, o nível histórico corresponde aos sistemas linguísticos nos quais se manifesta a universalidade da linguagem, ou seja, os idiomas ou as línguas. Moreira (2022, p. 29) afirma que o cerne do nível histórico reside na estruturação gramatical de um idioma. No mesmo sentido, Lamas (2010, p. 158) observa que “Cada idioma possui suas estruturas lexicais para expressar conteúdos: ambas são formas de significado”. Assim, conforme Coseriu (1993, p. 35), “No nível do saber idiomático, temos tudo aquilo que constitui uma regra, uma função própria de uma língua e onde o desvio é uma incorreção nessa língua, podendo perfeitamente não o ser em outra língua”. Em outros termos, todo mecanismo de organização gramatical e lexical integra o nível histórico, no qual domina o saber idiomático.

O tipo de conteúdo linguístico produzido no nível histórico é o significado. Nas palavras do linguista romeno, “O significado é o conteúdo de um signo ou de uma expressão enquanto dado numa determinada língua e exclusivamente através dessa mesma língua [...]” (Coseriu, 1980, p. 99). Por exemplo, duas pessoas estão se conhecendo e saem para jantar; no fim do encontro, ao chegarem na porta de casa, o sujeito que vive ali diz: “está prestes a chover”. Essa frase, observada a partir do conteúdo do fato significado, representa apenas a comprovação do estado natural do tempo. O enunciado “está prestes a chover” significa senão que nuvens estão se formando no céu e, em razão disso, chuva poderá cair. Pode-se dizer, por conseguinte, que o significado é o estado de representação de um ente material ou abstrato que determinado signo carrega consigo no interior de um sistema linguístico.

Já o produto do falar no nível individual é o texto, que expressa muito mais do que os limites impostos pelo significado. Observado em relação aos demais níveis, “Isso significa que tudo o que se diz ou se escreve, além de sua designação e seu

significado [...] possui também um sentido [...]” (Moreira, 2022, p. 29), único e irrepitível. Tendo a noção de sentido como conteúdo atribuído a esse nível, que necessita de um saber expressivo para ser posto em prática, Coseriu define-o da seguinte maneira:

O sentido é o conteúdo próprio de um texto, o que o texto exprime para além e através da designação e do significado. Damo-nos facilmente conta desse estrato do significar nos casos em que, até no dia a dia, compreendendo ao pé da letra palavras e frases, nos perguntamos o que se quis dizer: com efeito, *indagamos alguma coisa além do significado e da designação e alguma coisa de diferente desses conteúdos. Perguntamo-nos justamente qual é o “sentido” (a intenção, o propósito, as implicações, etc.) daquilo que “linguisticamente” [...] já tínhamos interpretado* (Coseriu, 1980, p. 99, grifos nossos).

A noção de sentido para Coseriu (1980) representa aquilo que está fora da materialidade linguística, quando, ao se interpretar o que está linguisticamente posto, questiona-se a intenção, o propósito ou as implicações do falado. O sentido não se inscreve “ao pé da letra” nas palavras ou nas frases, mas está presente como acontecimento inferido e abstrato em atos individuais da linguagem.

No exemplo citado anteriormente sobre o encontro de um casal, como observado, o significado que expressa a frase “está prestes a chover” é senão aquilo que de fato a materialidade impõe como interpretação: nuvens estão se formando no céu e, em razão disso, chuva poderá cair. No entanto, se entendido pelo conteúdo do sentido, há uma abertura para outras interpretações: pode ser compreendido como uma espécie de convite para adentrar à casa; da mesma forma, dá margem para o questionamento se o convite velado é para dormir ali ou se até a chuva passar; e pode significar uma advertência em relação ao retorno do outro para sua casa, já que possivelmente irá chover e, nesse sentido, sugere-se a tomada de cuidado ao dirigir na chuva. As palavras, portanto, significam mais do que o significado que denotam, e o sentido pode revelar a intenção, o propósito ou as implicações do falado.

Mas como é possível que a suposição de sentidos não materializados pela língua estejam inseridos nos textos? Coseriu responde que “Tal possibilidade está dada pelas atividades expressivas complementares [...] e, sobretudo, pelas circunstâncias do falar, ou seja, pelos entornos” (Coseriu, 1979, p. 228. Os fatos que se inscrevem em redor dos discursos (os entornos) são responsáveis pela orientação discursiva e “[...] até podem determinar o nível de verdade dos enunciados” (Coseriu, 1979, p. 228). Os entornos, na teoria de Coseriu (1979), compreendem quatro tipos: situação, região, contexto e **universo de discurso (UD)**.

3 A noção de universo de discurso na linguística coseriana

A primeira vez que Coseriu menciona a noção de UD é em seu texto de 1955, intitulado *Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar*. Embora esse texto não tenha sido bem recebido pela comunidade científica⁴, esse é um dos mais importantes trabalhos da carreira de Coseriu, pois nele está condensado o auge da maturação do pensamento coseriano, que vinha sendo desenvolvido na década de 1950 (Kabatek, 2018). Ademais, é nesse texto que Coseriu fala pela primeira vez sobre os três níveis fundamentais de organização linguística, a principal contribuição de sua teoria de Linguística geral.

O segundo momento em que se vê discutida a noção de UD é em seu livro de 1981, impresso em alemão, de nome *Textlinguistik. Eine Einführung*, que mais tarde seria traduzido para italiano – *Linguística del testo. Una introduzione a una ermeneutica*

⁴ Quando questionado sobre *Determinación y entorno* ser pouco compreendido e menos citado pela comunidade acadêmica, Coseriu responde que talvez isso deve-se a três razões: “*En primer lugar, está, pues, muy comprimido, y sería necesario escribir un tratado largo sobre el tema. Segundo, está todo escrito, como se dice, con vistas a las interpretaciones de los nombres propios. Y, tercero, en aquel momento, todo era completamente nuevo, y continúa siéndolo, en la lingüística, puesto que fue la primera vez que el texto apareció como objeto de una lingüística autónoma*” (Kabatek, 2018, p. 54). De fato, está condensada em *Determinación y entorno* uma teoria complexa e de difícil interpretação, mas as contribuições desse estudo são ricas e ainda se mantêm atuis e extremamente precisas. Na verdade, a Linguística geral proposta por Coseriu como um todo foi pouco estudada pela comunidade acadêmica e este trabalho também servirá como uma forma de recuperação dessa teoria importante e pouco lembrada.

del censo – e espanhol – *Linguística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido* –, versões publicadas em 1987 e 2007, respectivamente. Nessa obra, tem-se o desdobramento da Linguística do texto postulada por Coseriu em 1955, dessa vez, distanciando-se do caráter tecnicista e instrumental característico de *Determinación y entorno* (Castro, 2006b).

O terceiro e último momento se configura como o marco para o amadurecimento da noção de UD coseriano. Em “*Orationis fundamenta. La plegaria como texto*”, texto derivado de uma palestra proferida no ano de 2000, ao Congresso internacional “*Orationis Millenium*”, ocorrido em L’Aquila (Itália), e publicado postumamente em 2003, Coseriu analisa a prece enquanto texto, fazendo uma descrição de suas principais características, retendo atenção sobre a sua natureza textual, sobre o modo autônomo de conhecimento que veicula e sobre a concepção de mundo que manifesta (Castro, 2006a).

Esses três momentos/textos caracterizam as etapas de desenvolvimento da noção do UD de Coseriu. A partir de agora será discutido o conceito apresentado em cada um deles, a fim de se observar as nuances de sentido que carregam para, finalmente, organizar e sistematizar uma definição atual da noção de UD coseriana.

Em *Determinación y entorno*, Coseriu (1955) adota uma perspectiva mais tecnicista e instrumental, com vistas a explorar as circunstâncias extralinguísticas ao discurso, de forma coerente e sistematizada (Castro, 2006b). Ao invés do foco dado à *langue* nos estudos linguísticos pós-Saussure, Coseriu se propõe a demonstrar que, na realidade, o objeto da Linguística é a linguagem, ou seja, a atividade do falar em geral, haja vista que, em sua concepção, a *langue* é apenas um dos elementos que integram a *parole* (Coseriu, 1955). Contudo, para o autor, convém a substituição de *parole*, em virtude da ambiguidade que carrega, pelo termo falar, ou seja, a atividade linguística em geral. Só assim, compreendendo a linguagem como um todo, o objeto real da Linguística seria abarcado (Coseriu, 1955).

Na atividade do falar, aquilo que se expressa e se entende não é projetado completamente no que se diz (Coseriu, 1955). Além do discurso, é preciso contar com os acontecimentos que sucedem ao seu redor (os entornos ou as circunstâncias do falar), pois os sentidos de um discurso são evidenciados pelo dizer e pelas relações circunstanciais em que se efetiva. É por essa razão que Coseriu desenvolveu o estudo que recebeu o nome de *Determinación y entorno*, onde postulou o que mais tarde serviria de base para a construção de uma Linguística integral (Kabatek, 2018).

O UD é um dos entornos admitidos por Coseriu, que circunstanciam o falar. Em *Determinación y entorno*, essa noção é entendida como:

el sistema universal de significaciones al que pertenece un discurso (o un enunciado) y que determina su validez y su sentido. La literatura, la mitología, las ciencias, la matemática, el universo empírico, en cuanto 'temas' o 'mundos de referencia' del hablar, constituyen 'universos de discurso' (Coseriu, 1955, p. 51).

O Coseriu da década de 1950 compreende que UD é um sistema universal de significações intrínseco a um discurso, capaz de determinar a sua validade, no que concerne à verdade que veicula, e o seu sentido. De outro modo, UD são temas dos quais tratam um discurso ou os mundos dos quais o falar faz referência. Unificando o pensamento, UD é um sistema próprio de significações, distribuído em temas ou mundos de referência do falar, que atestam a veracidade e o sentido que carregam os discursos. Nessa perspectiva, intui-se que para a interpretação exata de um texto, o falante precisa entender o(s) universo(s) a(os) que(ais) estão vinculados os enunciados que o compõem, uma vez que esse(s) universo(s) funcionaria(m) como legitimador(es) dos sentidos que sustentam. Logo, a falta ou o parcial discernimento do(s) universo(s) que circunstancia(m) um texto acarretaria uma equivocada compreensão.

Para complementar e aprofundar essa definição, Coseriu traz alguns exemplos:

El valor de verdad de una afirmación acerca de 'Ulises' no se verifica en la historia griega, sino en la *Odisea*, y en la tradición

correspondiente, donde *Ulises era el marido de Penélope* es una proposición verdadera, mientras que *Ulises era el marido de Helena* es falsa; y las afirmaciones acerca de los 'centauros' son verificables en la mitología, donde la proposición *el centauro era un sacrificio de cien toros* es falsa, mientras que *el centauro era un ser mitad hombre y mitad caballo* es verdadera (Coseriu, 1955, p. 51).

Os exemplos a que Coseriu faz referência são enunciados pertencentes à cultura ficcional, e demonstram que afirmações retiradas desses contextos só podem ser validadas quando postas à prova em relação ao universo de que fazem parte, isto é, o produto da cultura ficcional que solidificou seus sentidos e suas verdades. Nesse primeiro momento, ainda que Coseriu não esclareça que existam tipos de UD, é perceptível que certos enunciados têm funcionamentos distintos e, portanto, são regulados por UD específicos (no passado, Latham (1856) já havia definido 3 tipos de UD, como será apresentado posteriormente). Não se pode simplesmente verificar a validade do enunciado "*un ser mitad hombre y mitad caballo*" através da história, dado que não há registros ou estudos científicos que comprovem a sua existência. A verdade ou falseabilidade desse enunciado é subjetivada pelo universo a que pertence, do qual o conhecimento da mitologia grega faz parte (Coseriu, 1955).

Coseriu (1955) afirma que esse conceito foi duramente criticado pelos lógicos positivistas, pois argumentavam que não existe outro mundo além do natural e conhecido empiricamente, conseqüentemente, "*un ser mitad hombre y mitad caballo*" é um enunciado falso, já que não pode ser verificado no mundo natural. Como contraargumento, Coseriu escreve:

Que no hay más que *un* mundo, es cierto; pero las críticas aludidas, lejos de invalidar el concepto de 'universo de discurso', revelan una radical incomprensión del problema. No se trata de otros 'universos', de otros 'mundos de cosas', sino de otros 'universos de discurso', de otros *sistemas de significaciones* (Coseriu, 1955, p. 51).

De fato, não existem outros mundos naturais perceptíveis, o que existe são outros universos de significações (Coseriu, 1955). O que determina o sentido e a validade

de um discurso não é a sua verificabilidade científica ou empírica, mas o sistema de significados que o rege. É possível afirmar, por exemplo, que Ulises era o marido de Penélope na *Ilíada* e esse enunciado ser verdadeiro, caso se diga o contrário, qualquer um cairá em descrédito, posto que os objetos a que fazem referência essa afirmação e o sistema de significações onde se inserem admitem que ela é verídica, e não o universo da ciência ou do mundo empírico, por exemplo, já que a história da *Ilíada* é resultado de uma abstração ficcional (Coseriu,1955).

Nessa primeira etapa, verifica-se a influência que Coseriu sofreu das primeiras propostas acerca da noção de UD postulado por autores prévios: a preocupação de buscar entender as condições de verdade dos enunciados em De Morgan (1847), e a ideia de universo como limites expressos ou inferidos que fixam o sentido de objetos de Boole (1857). Subentende-se que, igualmente a Latham (1856), Coseriu admite a existência de tipos de UD; o conceito de símbolos que só apresentam sentido no contexto específico de seu funcionamento em Ogden e Richards (1946[1923]); e a concepção de UD em Urban (1939), definido como um todo sistemático e limitado que atuaria enquanto contexto significativo para uma determinada situação comunicativa.

Nesse primeiro texto, Coseriu não escreve um volume de texto suficiente para se deliberar com maior profundidade sobre o conceito. Como ele mesmo afirma, essa obra é um condensado de seu pensamento e a proposta daquele texto era compartilhar com brevidade a sua concepção de linguagem (Kabatek, 2018). Nas etapas seguintes, muitas das dúvidas deixadas na primeira foram sanadas, ainda assim, não se há uma teorização e uma aplicação completas, que deem artifícios práticos para utilizá-las na análise de textos, embora tenham deixado os caminhos abertos para o desenvolvimento de um método.

Quase três décadas após *Determinación y entorno*, em 1981, Coseriu escreve e publica o livro *Textlinguistik. Eine Einführung*⁵, aqui considerado como a segunda etapa para a construção da noção de UD. Nessa obra, tendo superado a finalidade instrumental e tecnicista de sua teoria, Coseriu desenvolve sua própria Linguística geral e propõe de uma vez por todas a Linguística do nível individual da linguagem, concernente ao texto. Em *Textlinguistik*, o UD foi uma das pistas que o levaram a pensar sobre a necessidade de uma Linguística do texto para além da concebida pelas gramáticas transfrásticas (Castro, 2006b).

Diferentemente da etapa anterior, Coseriu deixa mais claro que existem tipos de UD, apesar de não especificar quantos e quais: “[...] el universo de discurso es, sin embargo, distinto según se hable en el marco de la mitología, de la ciencia o de la historia” (Coseriu, 2007, p. 42). A história, a mitologia e a ciência se assentam ou formam UD particulares, através dos quais o sujeito falante constrói sentidos próprios para cada campo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio anterior, Coseriu mantém a ideia de condição de verdade que os UD carregam, “[...] os valores de verdad [...] se establecen esencialmente dentro del universo de discurso al que pertenece cada proposición [...]” (Coseriu, 2007, p. 106-107), e continua com a mesma definição, UD é um “[...] sistema universal de significaciones al que pertenece un discurso (o un enunciado) y que determina su validez y su sentido” (Coseriu, 2007, p. 100). Todavía, ele acrescenta que “[...] los universos de discurso no son ‘mundos’, sino sistemas de significaciones, algo a lo que podría darse el nombre – ya un poco connotado – de ‘concepciones del mundo’ [...]” (Coseriu, 2007, p. 106).

⁵ A versão original, primeiro, foi impressa em alemão; mais tarde, foi traduzida para o italiano – Linguística del testo. Una introduzione a una ermeneutica del censo – e para o espanhol – Linguística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido –, versões publicadas em 1987 e 2007, respectivamente. Neste artigo, utiliza-se como fonte principal o texto em espanhol, de 2007, organizado e editado pelo linguista Óscar Loureda Lamas.

Ao defender que UD's não devem ser interpretados como mundos, Coseriu (2007) refuta as objeções de positivistas que tentavam deslegitimar sua teoria com o argumento de que há apenas um mundo real e cognoscível. Mais uma vez, Coseriu (2007) reafirma sua concordância com essa premissa, mas sublinha a validade de sua teoria ao destacar que UD's se referem a concepções de mundo específicas de cada sistema de significações e não de outros mundos reconhecidos. Acreditar que só existe uma concepção de mundo é reduzir todo pensamento a um único mundo real, ou seja, ao mundo empiricamente cognoscível, posto que “[...] toda forma de interpretación del mundo, esto es, toda modalidad coherente de hablar sobre el mundo representa un sistema de esta clase” (Coseriu, 2007, p. 105), e esses sistemas, com efeito, representam concepções de mundo variadas.

Coseriu não vai muito além do que foi postulado na primeira etapa, ainda admitindo que UD's “[...] pueden ser ‘temas’ y ‘sistemas de referencia’ del hablar [...]” (Coseriu, 2007, p. 105), e as influências da tradição aqui se mostram, inclusive, com mais precisão, principalmente com respeito à teoria dos contextos de Urban (1939). É somente na terceira etapa que Coseriu realmente se debruça sobre a noção de UD e traz algumas informações novas que não haviam sido discutidas nas etapas precedentes.

No percurso referente aos desdobramentos da noção de UD, chega-se ao último texto em que Coseriu trata desse tema, no trabalho *“Orationis fundamenta. La plegaria como texto”*, datado de 2003, publicado após seu falecimento. Nesse artigo, um estudo descritivo da prece, Coseriu (2003) faz um detalhamento teórico sobre a noção de UD, que ele afirma ter amadurecido. Nessa obra, uma das principais mudanças quanto à conceituação desse fenômeno está na distinção entre UD's e mundos do conhecimento.

Para o autor, os UD's são quatro – UD da experiência comum, UD da ciência, UD da fantasia e UD da fé –, enquanto os mundos do conhecimento são três – necessidade e causalidade, liberdade e finalidade e fé (Coseriu, 2003). Os UD's “[...] se

referem às modalidades do conhecimento; no entanto, os ‘mundos’ correspondem aos ‘objetos’ do conhecer e do saber” (Coseriu, 2010, p. 94).

Consoante Coseriu, os UDs apresentam uma objetividade própria que caracteriza a sua natureza:

La objetividad del universo de discurso empírico es la que se da por la experiencia corriente; la objetividad de la ciencia es la que se establece cada vez en la investigación científica; la objetividad propia del universo poético es la del mundo que se crea por la fantasía; y la objetividad específica del universo de la fe es la objetividad del mundo propio de la fe (que ni niega ni excluye los otros tipos de objetividad en los ámbitos que les corresponden) (Coseriu, 2003, p. 18).

O conhecimento objetivado pelo UD empírico acontece através da experiência concreta com o mundo, enquanto o da ciência é pelos procedimentos típicos da investigação científica, com métodos rigorosos e objetivos claros. Já a objetividade do UD poético ocorre no mundo criado pela fantasia ou pela linguagem fictícia, enquanto a objetividade do UD da fé se baseia em uma relação de subjetivação do mundo e do homem a um ser divino, apesar de não negar a legitimidade dos demais UDs (Coseriu, 2010).

Para fins de exemplificação, observe-se, no enunciado abaixo⁶, a influência do universo do discurso da fé na concepção do perdão:

O perdão pressupõe a experiência de já ter sido perdoado por Deus, justificado gratuitamente, e não pelos nossos méritos.

A afirmativa de que o exercício do perdão é resultado do amor que o cristão (consciente de sua situação pecaminosa) experimenta com Deus, só pode ser comprovada, de fato, se considerado que o UD da fé atua no circunstanciamento do

⁶ Na dissertação, o objeto de estudo foi o discurso religioso na Exortação apostólica *Amoris Laetitia*, de autoria do Papa Francisco, isso explica o porquê de os exemplos de análise serem recortados dessa esfera do conhecimento.

sentido atribuído ao discurso. A visão de mundo que esse UD propaga necessita da subjetivação do mundo e do homem a um ser divino para ganhar atributos de validade.

O sentido que veicula esse enunciado não tem caráter de validade no UD da ciência, por exemplo, haja vista que o princípio de objetivação desse campo do conhecimento carece, necessariamente, do estabelecimento de metodologias empíricas e aplicáveis à sua comprovação racional. Logo, visto que não é possível a verificação e a comprovação da existência de Deus no mundo natural, através de métodos empíricos, não é cabível dizer que o perdão, para ser concebido, pressupõe a experimentação do perdão divino, posto que essa condição não se comprova e nem se reflete diretamente no estado de perdoar.

Entende-se que os fatos significados de um discurso propiciam ao analista provas na identificação de determinados tipos de UD's que subjazem à concepção de mundo do discurso professado, embora Coseriu nada tenha dito sobre isso. Esses elementos, por sua vez, corroboram na formação de um sistema de significação atrelado a um campo do conhecimento específico, ou seja, um UD. Para comprovar tal afirmação, analisa-se um recorte textual da Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, escrita pelo Papa Francisco:

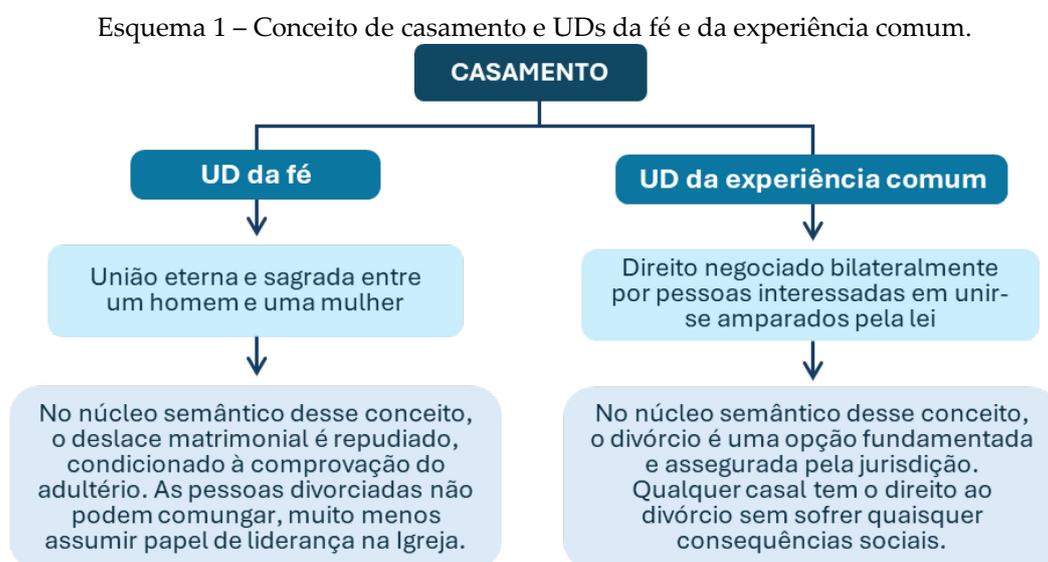
O cântico de São Paulo [...] permite-nos avançar para a caridade conjugal. Esta é o amor que une os esposos, amor santificado, enriquecido e iluminado pela graça do sacramento do matrimônio. É uma união afectiva, espiritual e oblativa (Francisco, 2016, p. 37).

O amor descrito no exemplo acima possui uma carga semântica espiritual para além do amor carnal entre duas pessoas: é uma graça divina, caracterizado pela entrega e pelo desprendimento material, fruto de sua condição santa. Esse trecho descreve o amor no contexto do casamento como algo santificado, enriquecido pela graça divina e caracterizado por aspectos espirituais e religiosos.

O uso da expressão "esta" sugere que locutor está se referindo a algo em especial, a caridade conjugal, na efetivação do amor dos esposos, descrito como "santificado" e "iluminado", fruto da "graça do sacramento" divino, e caracterizado como "espiritual" e "oblativo". À vista disso, constata-se que os conceitos desvelados nesse texto estão inseridos no campo do conhecimento regido pelo UD da fé, e esses fatos significados comprovam a sua influência.

No tocante à religião católica, o sistema de significados formativo desse UD tem a Bíblia como cânone epistemológico, o que torna possível pensar e representar o casamento como algo eterno e divino. Em contrapartida, se considerar o mesmo conceito pela ótica do UD jurídico, o casamento é um direito humano básico, assegurado por lei e negociado judicialmente, de forma bilateral, por pessoas que demonstram interesse espontâneo em se unir perante as leis sociais. Do mesmo modo, a justiça também garante aos sujeitos o benefício da anulação.

Nesse sentido, a depender da circunstância de um UD, conceitos carregam sentidos e verdades particulares, isso em razão da objetividade, da subjetividade e da intersubjetividade próprias de cada um. No caso do casamento, o UD da fé e o UD jurídico denotam óticas adversas, como retratadas no esquema 1:



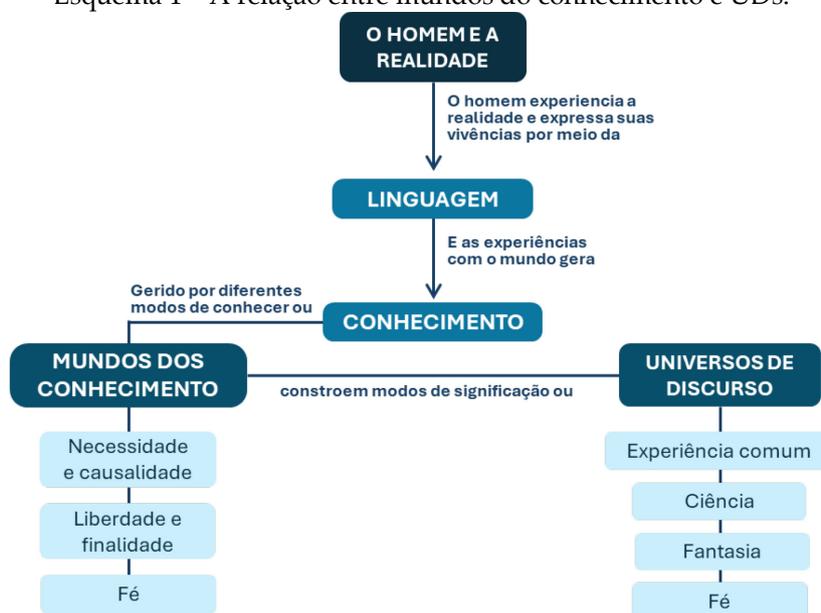
Fonte: elaboração própria (2024).

Embora empiricamente desempenhem o mesmo papel, no âmbito do sentido esses campos do conhecimento denotam concepções e carregam verdades diferentes. Por exemplo, a possibilidade de duas pessoas do mesmo sexo se unirem socialmente perante a benção de um líder da instituição religiosa católica é nula. Não obstante, a legalização jurídica do casamento homoafetivo carrega verdades de autoafirmação social, de resistência e de luta por igualdade de direitos.

O matrimônio é um dos sacramentos mais fundamentais e basilares do catolicismo, e obedece à lei divina propagada pelo UD da fé. Aqueles que escolhem o caminho do divórcio enfrentam repercussões negativas no âmago da comunidade cristã à qual pertencem, tais como a impossibilidade de ascender a cargos de liderança, a privação do sacramento da comunhão e, ainda mais, a interdição da prática da confissão. Entretanto, para o UD jurídico, o matrimônio é uma construção social regida por normas legais; ao submeter-se à legislação terrena, o casamento também está sujeito à anulação, sendo este um direito social assegurado a todo cidadão.

Voltando para a relação entre UD e mundos do conhecimento, o esquema 2 ilustra essa ligação, numa tentativa de sistematizar e compreender o que foi pontuado por Coseriu (2003):

Esquema 1 – A relação entre mundos do conhecimento e UD.



Fonte: elaboração própria (2024).

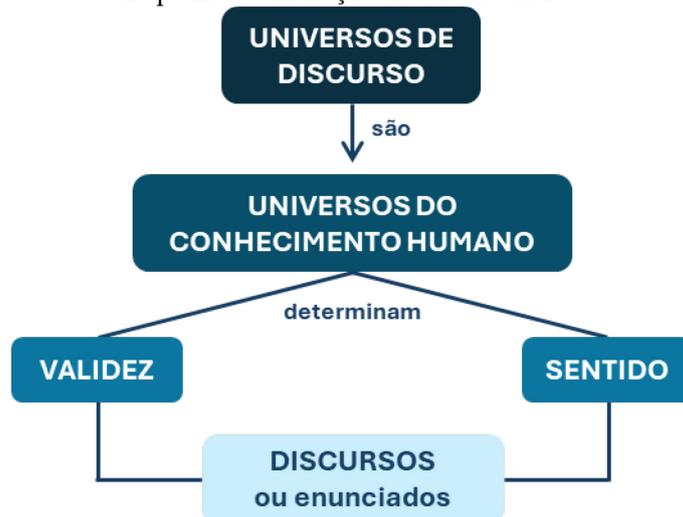
O homem conhece o mundo a partir das experiências que desenvolve com ele, e a linguagem lhe permite significar e expressar essa realidade. As ações que ocorrem pela experiência concreta com o mundo, e pela significação e pela expressão deste, produzem conhecimento. O conhecimento é formado e condensado em diferentes âmbitos do saber, que, a partir de processos internos, autônomos e subjetivos, se desdobram em diferentes modos de significação. Os âmbitos do conhecimento são o que Coseriu entende como os mundos do conhecimento, e os modos de significação são os UD's (Coseriu, 2003).

Cada mundo de conhecimento detém uma particular ordenação do conhecimento gerado da relação entre homem e mundo cognoscível: o mundo da necessidade e da causalidade é desenvolvido em consequência das experiências empíricas do homem com a realidade ou, como afirma Coseriu (2010⁷, p. 93), a “[...] ‘área do conhecimento’ próprio da ciência empírica [...]”; o mundo da liberdade e da finalidade diz respeito ao conhecimento das criações humanas e das culturas, onde estão incluídas as ciências, as instituições, a arte e a fantasia. E, por fim, o mundo da fé, apoiado em concepções e interpretações particulares do mundo, tendo como primazia básica a relação de dependência do homem para com uma divindade, em que jaz o princípio da comunhão com Deus (Coseriu, 2010).

No esquema 3, interpreta-se a concepção de UD segundo a perspectiva de Coseriu, considerando a terceira etapa do desenvolvimento teórico dessa noção:

⁷ Esta obra citada é a versão traduzida para o Português do texto “*Orationis Fundamenta. La plegaria como texto*” da terceira etapa de desenvolvimento da noção de UD. Esse artigo faz parte do livro *Linguagem e Discurso* (2010), organizado por Oscar Loureda Lamas.

Esquema 3 – A noção de UD coseriano.



Fonte: elaboração própria (2024).

Nas palavras de Coseriu “[...] los ‘universos de discurso’, en el sentido en que los concibo, son universos de conocimiento que corresponden a los modos fundamentales del conocer humano” (Coseriu, 2003, p. 15). Quer dizer, os UD’s são sistemas universais de significações atrelados aos mundos do conhecimento, que atestam a veracidade e o sentido dos enunciados ou dos discursos.

Os UD’s, dessa forma, atuam como sistematizadores de conhecimentos desenvolvidos a partir dos âmbitos do conhecer, e manifestam modos autônomos de conhecimento, cada qual com particularidades objetivas, subjetivas e intersubjetivas (Coseriu, 2010). Portanto, cada asserção deve ser verificada tão somente em relação ao universo do conhecimento e com relação ao mundo que corresponde, e não “[...] deben ser justificadas por la investigación físiconatural [...]” (Coseriu, 2003, p. 18) – isso também se aplica aos demais tipos de UD’s.

Coseriu (2003, p. 18) afirma que o mundo do conhecimento da necessidade e da causalidade se desdobra no modo de significação do UD das experiências comuns; o mundo da liberdade e da finalidade inclui os conhecimentos próprios aos UD’s da ciência e da fantasia/arte; e o mundo da fé corresponde a objetividade, subjetividade e intersubjetividade que perpassa o UD da fé. Outrossim, os UD’s são organizados de acordo com a sua natureza constituinte: o primeiro corresponde a empiria, o segundo

e o terceiro aos propósitos de conhecimento e a livre expressão do homem, e o último a subjetivação do homem e da realidade a um deus.

A divisão entre mundos e UD's não é estanque, e o desdobramento de um mundo do conhecimento em um UD ou UD's acontece em maior ou menor grau. Isto é, no UD da experiência comum, por exemplo, o mundo da liberdade e da finalidade também podem estar presentes, muito embora o que prevaleça seja o mundo da necessidade e da causalidade. Do mesmo modo, no UD da investigação científica, a criatividade e os outros tipos de pensamento, como o metafórico, são necessários para a criação de modelos científicos (Castro, 2006a).

O ser humano não está vinculado apenas ao mundo da necessidade e da causalidade, mas também é perpassado pelo mundo da liberdade e da finalidade, já que possui moralidade e livre arbítrio para tomada de escolhas, e, de outro modo, é subjetivado pelo mundo da fé. Dessa forma, o homem, dotado de racionalidade e de inteligência, ao olhar para o mundo concreto, através de sua percepção e de seus sentidos, congrega conhecimentos a partir de experiência subjetivas acumuladas.

Por exemplo, um indivíduo, ao submeter uma porção de água a elevadas concentrações de calor, observa que esse líquido atinge o estado de ebulição em uma temperatura específica. Tal fenômeno configura-se como uma manifestação do conhecimento adquirido por meio das experiências comuns, vinculadas ao domínio da causalidade e da necessidade. Isso se dá pelo fato de que a água ferve, necessariamente, em resposta àquela temperatura, em virtude de sua própria natureza material, e não por ação da vontade do observador. Contudo, esse mesmo indivíduo também pode observá-la de um ponto de vista mais objetivo, na aplicação de métodos de experimentação, a fim de entender como, de fato, esse processo de fervura funciona. Então, aqui se constata dois processos de observação do mundo, a partir de duas perspectivas: subjetiva e objetiva.

Em síntese, para clarificar a noção de UD coseriano desenvolvido nesses três textos, apresenta-se o quadro 2, no qual estão dispostas as definições das três etapas até aqui discutidas e a novidade de cada uma delas.

Quadro 2 – Etapas de desenvolvimento da noção de UD coseriano.

UNIVERSO DE DISCURSO		
TEXTOS	DEFINIÇÃO	NOVIDADE
(1) <i>Determinación y entorno</i> (1955)	[...] el sistema universal de significaciones al que pertenece un discurso (o un enunciado) y que determina su validez y su sentido.” (Coseriu, 1955, p. 51)	-----
(2) <i>Linguística del texto</i> (2007)	“[...] los universos de discurso no son ‘mundos’, sino sistemas de significaciones, algo a lo que podría darse el nombre – ya un poco’ connotado – de ‘concepciones del mundo’ [...]” (Coseriu, 2007, p. 106)	<ul style="list-style-type: none"> - Supera a finalidade instrumental e tecnicista da obra anterior; - Deixa mais claro que existem tipos de UDs, embora não os defina;
(3) <i>Orationis fundamenta. La plegaria como texto</i> (2003)	“[...] los ‘universos de discurso’, en el sentido en que los concibo, son universos de conocimiento que corresponden a los modos fundamentales del conocer humano.” (Coseriu, 2003, p. 15)	<ul style="list-style-type: none"> - Universos do conhecimento como forma de fundamental do conhecer humano; - Distinção entre UDs e mundos do conhecimento; - Deixa claro que existem 4 tipos de UDs de discurso autônomos (experiência comum, ciência, fantasia e fé) e 3 tipos de mundos ou âmbitos do conhecimento (necessidade e causalidade, liberdade e finalidade e fé); - Os UDs apresentam uma objetividade própria que caracteriza a sua natureza.

Fonte: elaboração própria (2024).

É notável que houve um certo progresso na conceituação da teoria do UD: na primeira etapa, tinha-se apenas um conceito técnico; na segunda etapa, o mesmo conceito é mantido, mas subentendido como uma noção organizada em vários tipos; e, na terceira etapa, há um certo detalhamento teórico, na qual Coseriu demonstra a existência de uma relação entre UD e mundo do conhecimento, esclarecendo que há

quatro tipos de UD e três tipos de mundos, e acrescenta a ideia de UD como modo fundamental de significação e de conhecimento humano.

3.1 Primeiras propostas sobre a noção de universo de discurso

Já foi dito que, antes de Coseriu, outros autores trabalharam com o UD. Em ordem cronológica, os pesquisadores que discutiram tal noção foram: i) Augustus de Morgan, em sua obra *Formal logic* (1847); ii) George Boole, no livro *An investigation of the laws of thought, on which are founded the mathematical theories of logic and probabilities*, de 1854; iii) Robert Gordon Latham, pouco depois de Boole, em *Logic in its application to language*, de 1856; iv) Ogden e Richards, em 1923, no livro *The Meaning of Meaning*; e v) Wilbur Marshall Urban, no livro *Language and reality. The philosophy of language and the principles of symbolism*, publicado em 1939.

Coseriu não menciona De Morgan, Latham e Ogden e Richards quando tratou sobre UD em seus escritos. Acredita-se que a omissão de De Morgan se deve ao fato de que esse autor não conceituou, especificamente, a expressão universo de discurso (UD), mas tão somente o termo universo, apesar de que universo e UD lidam com fenômeno semelhante. Essa expressão, verdadeiramente, só foi introduzida por Boole, em 1854, como bem lembrado por Coseriu, “El concepto de ‘universo de discurso’ ha sido introducido en la lógica por George Boole” (Coseriu, 2003, p. 14). Acerca dos demais autores, não se sabe ou não é possível intuir, a partir dos registros acessados, os motivos de Coseriu não os ter citado.

Na condição de primeiro a refletir sobre essa noção, De Morgan utilizou a palavra *universe* para designar um conjunto de elementos pertencentes a um determinado domínio de discurso e elaborou sua reflexão com base nas condições de verdade de um enunciado. O universo, assim, existe enquanto limites tácitos ou explícitos de um sistema que gerencia o teor de validade e verdade de um enunciado ou discurso dentro de um contexto lógico, ao considerar as relações de um objeto com os demais elementos pertencentes a um mesmo conjunto (Galván; Valldecabres, 2019).

Sendo assim, o universo é aquilo que se postula para falar com sentido, e se apresenta como temas de referência do falar, constituído por leis próprias (Castro, 2006b).

O conceito universo só passa a ser concebido como UD em Boole (1854). Para esse autor, o UD é o limite expresso ou inferido dentro do qual os objetos de um discurso estão fixados (Boole, 1854). Equiparável a De Morgan, o UD, nessa perspectiva, é o domínio ou os temas sobre os quais se fala em uma atividade comunicativa (Galván; Valldecabres, 2019).

Até aqui não existia, na literatura, um entendimento sobre tipos de UD's. É somente em Latham (1856) que se tem a primeira distinção. Consoante esse autor, existem 3 tipos de UD's: o primeiro é o universo natural das coisas realmente existentes no mundo; o segundo é o universo da imaginação ou da fantasia; e o terceiro é o universo no qual estão reunidos todos os objetos considerados por um sujeito, seja escrevendo, falando ou pensando, no qual podem estar inclusos os UD's real ou imaginário, ou até mesmo uma mescla dos dois. Já foi dito que os modelos de UD's estabelecidos por Coseriu têm uma certa ligação com os de Latham, especialmente no que tange aos dois primeiros casos.

Essas primeiras definições apresentadas foram desenvolvidas dentro da perspectiva da Lógica, usadas para distinguir o raciocínio válido do inválido. Nos dois casos que seguem, a noção de UD é recepcionada pela Linguística, através dos trabalhos de Ogden e Richards (1946 [1923]) e Urban (1951).

Galván e Valldecabres (2019) afirmam que Ogden e Richards (1946 [1923]) não dão muita importância ao conceito, embora tenham definido o que entendiam como UD trazendo algumas exemplificações. Em uma nota de rodapé, Ogden e Richards (1946[1923]) definem UD como um conjunto de situações em que se comunica através de símbolos. Esses símbolos ganham sentido e são definidos de acordo com conjunto de ocasiões de uso a que estão vinculados. Se um símbolo for usado em um contexto fora do ideal marcado pela linguagem, ele se tornará uma metáfora ou será preciso recategorizá-lo em um novo conceito (Ogden; Richards, 1946 [1923]).

UD, nesse caso, é abordado com relação ao significado literal, a referência e a definição de símbolos pela linguagem. Ogden e Richards (1946[1923]) entendem que as definições de um símbolo são sempre designadas e relevantes para cumprirem com certos propósitos em uma situação, logo, são aplicáveis dentro de um campo restrito ou em um certo UD. Ou seja, símbolos são definições ou conceitos empregados em determinadas situações, pois o seu sentido é concebido com base nesse conjunto de contextos específicos, que formam um UD (Ogden; Richards, 1946 [1923]).

Na mesma direção de De Morgan e Boole, Urban (1939) reitera que UD é um campo limitado sobre o qual o discurso é aludido. Ele apresenta o conceito quando trata de discutir sobre sua teoria dos contextos, que, de acordo com Galván e Valdecabres (2019), é equiparável com a teoria dos entornos de Coseriu. UD denota, então, um sistema limitado de significação, compartilhado mutuamente por sujeitos da comunicação, a partir de pressuposições que ambos possuem de um determinado universo.

Castro (2006a) traz algumas contribuições sobre os estudos de Urban e afirma que o seu legado é fundamental ao desenvolvimento deste conceito e muito importante para a teoria desenvolvida por Coseriu:

La elipticidad del lenguaje y los grados de ambigüedad que se presentan ante el hablante son las dos cuestiones guía de la propuesta de contextos que hace Urban en su obra. Es en este marco en el que propone el universo de discurso como un contexto sistemático: un todo relativamente articulado o sistematizado, constituido por objetos interrelacionados, que le permite dar cuenta de formas más profundas de ambigüedad que no se resuelven en el plano de un contexto meramente idiomático (cf. Urban 1939: 160-161 y 162) [...]. (Castro, 2006a, p. 224).

A preocupação de Urban era desvendar como os sujeitos de uma comunicação conseguem compreender aquilo que está oculto em uma fala e os graus de ambigüidade que se apresentam em um contexto comunicativo. Ele propõe UD como um todo sistemático que atuaria enquanto contexto significativo para uma

determinada situação comunicativa. Esse sistema é composto por objetos inter-relacionados que, por sua natureza integrativa, permitem aos falantes darem conta de certas ambiguidades que não são reveladas no plano de um contexto somente idiomático.

Para Urban (1939), os sujeitos de uma situação comunicativa pressupõem a existência de um UD, de seus pressupostos e valores, atuando como sistema de significação, pois para falar algo com sentido, em uma situação comunicativa, os falantes intuem a sua existência e fazem uso de seus conhecimentos. Nesse sentido, os textos estariam circunscritos por um UD dado, e que, para compreendê-lo, os falantes têm de compartilhar o mesmo tipo conhecimento (Castro, 2006a).

4 Considerações finais

Em razão da falta de trabalhos sobre esse tema, no que se refere aos textos de Coseriu e de entusiastas brasileiros e estrangeiros de sua teoria, a tarefa de desanuviar a noção de UD foi desafiadora. Nem mesmo Coseriu aprimorou seu pensamento, muito menos desenvolveu uma metodologia para que futuros pesquisadores pudessem aplicá-la na análise de textos concretos, apesar de ele concordar que é tarefa do(a) linguista “[...] estabelecer quais são a objetividade, subjetividade e intersubjetividade supostas em cada um desses universos, e quais são suas relações recíprocas e suas características próprias” (Coseriu, 2010, p. 95).

Neste trabalho, não foram discutidas as categorias desenvolvidas na dissertação, embora tenha demonstrado dois exemplos de análise, pois o objetivo é introduzir a noção de UD, e, desse modo, recuperar a teoria coseriana, para, posteriormente, apresentar a metodologia de identificação e de análise desenvolvido na pesquisa de mestrado.

Indubitavelmente, a Linguística de Coseriu tem sido pouco debatida no meio acadêmico. Kabatek (2018) explica que as razões por trás desse ostracismo variam desde o uso do idioma espanhol na escrita e na divulgação dos textos, o qual Coseriu

reconhece como "*hispanica non leguntur*" (os hispânicos não são lidos) (Kabatek, 2018, p. 52), até a complexidade de seu pensamento sobre a linguagem. Ainda que não tenha sido bem recebida pela comunidade científica, *Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar* (Coseriu, 1955) é uma das principais obras de Coseriu, na qual está condensada sua proposição de Linguística geral. Quando questionado sobre o fato de esse texto ser pouco compreendido e menos citado, Coseriu respondeu que uma das explicações é a maneira como ele foi escrito, de forma muito condensada, o que dificultaria a sua compreensão (Kabatek, 2018). De fato, nesse texto encontra-se organizada uma teoria complexa e de difícil interpretação, contudo, suas contribuições são ricas e ainda se mantêm atuais e extremamente precisas.

Por essa razão, com este texto, almejou-se revitalizar e disseminar os princípios da Linguística postulada por Eugenio Coseriu. O intento é compreender melhor os fundamentos teóricos subjacentes aos UD's e abrir caminhos para discussões metodológicas e analíticas em trabalhos futuros. Portanto, acredita-se que este trabalho contribui para os estudos do campo da Linguística, em especial aqueles voltados à teoria coseriana, ao explorar a atualização da noção de UD, em que se destaca a importância dos UD's como sistemas universais de significação ligados aos mundos do conhecimento.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro concedido ao longo dos dois anos de mestrado, período em que realizei a pesquisa que resultou na elaboração da dissertação e, conseqüentemente, na publicação deste artigo.

Referências

BOOLE, G. **An investigation of the laws of thought, on which are founded the mathematical theories of logic and probabilities**. Londres: Walton & Maberly, 1854. DOI <https://doi.org/10.5962/bhl.title.29413>

CASTRO, N. A. Tradición y novedad en el entorno universo de discurso de Eugenio Coseriu. *In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE HISTORIOGRAFÍA*, 5., v. 1, 2006a, Murcia. **Atas [...]**. Murcia, Universidad de Murcia, 2006a. p. 223-233.

CASTRO, N. A. Consideraciones metalingüísticas sobre el entorno “universo de discurso” de Eugenio Coseriu. *In: RUIZ, R. G.; VELARDE, M. C.; TORRES, M. Á. E. (ed.). Discurso, lengua y metalenguaje: balance y perspectivas*. Hamburg: Helmut Buske, 2006b. p 21-35.

COSERIU, E. Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar. **Romanistisches Jahrbuch**, v. 7, n. 1, p. 29-54, 1955. DOI <https://doi.org/10.1515/roja-1955-0103>

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Estudios de teoría y metodología lingüística. 2. ed. Madri: Gráficas Córdor, 1991.

COSERIU, E. Do sentido do ensino da língua literária. Tradução: Evanildo Bechara. **Revista do Instituto da Língua e Literatura**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 29-47, 1993. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/951>.

COSERIU, E. **Lingüística del texto**: introducción a la hermenéutica del sentido. Madri: Arco/Libros, 2007.

COSERIU, E. Orationis fundamenta: la plegaria como texto. **Rilce – Revista de Filología Hispánica**, Madri, v. 19, n. 1, p. 1-25, 2003. DOI <https://doi.org/10.15581/008.19.26722>

COSERIU, E. Orationis fundamenta, a prece como texto. *In: COSERIU, E.; LAMAS, O. L. Linguagem e discurso*. Tradução de Cecília Inês Erthal. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 77-104.

DE MORGAN, A. **Formal Logic**. Londres: Taylor & Walton, 1847.

FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia**. Sobre o amor na família. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

GALVÁN, L.; VALLDECABRES, D. V. Ficción y universo de discurso. *In*: RUIZ, R. G.; OLZA, I.; LAMAS, Ó. L. (ed.). **Lengua, cultura, discurso estudios ofrecidos al profesor Manuel Casado Velarde**. Universidad de Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2019. p. 973-988.

KABATEK, J. Determinación y entorno: 60 años después. *In*: BLEORTU, C.; GERARDS, D. P. (ed.). **Lingüística coseriana, lingüística histórica, tradiciones discursivas**. Iberoamericana: Vervuert, 2018. p. 49-66. DOI <https://doi.org/10.31819/9783954877508-004>

LAMAS, O. L. Fundamentos de uma linguística do texto real e funcional. *In*: COSERIU, E.; LAMAS, O. L. **Linguagem e discurso**. Tradução de Cecília Inês Erthal. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p.155-183.

LATHAM, R. G. **Logic in its application to language**. Londres: Walton & Maberly, 1856.

MOREIRA, J. F. B. **Linguística textual coseriana**: orientações para a tarefa de interpretar o sentido dos textos. 2022. 127 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47197>.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **The meaning of meaning**. 8. ed. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, 1946 [1923].

PINHEIRO, C. L.; OLIVEIRA, J. S. de. A coerência segundo a perspectiva da teoria da linguagem de Eugenio Coseriu. **Revista do GELNE**, Natal, v. 23, n. 1, p. 118-130, 2021. DOI <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2021v23n1ID23957>

PINHEIRO, C. L.; SILVA, S. L. da. O programa de linguística geral no manuscrito *Hacia una lingüística integral* (Por uma linguística integral) de Eugenio Coseriu. **Eutomia**, Recife, v. 30, n. 1, p. 47-61, 2021. DOI <https://doi.org/10.51359/1982-6850.2021.252337>

URBAN, W. M. **Language and Reality**. The philosophy of language and the principles of symbolism. Londres: Allen & Unwin, 1939.